

# (Eu) -> EU (?) Um título provisório

**Mauricio José Folly Ranhada**

(Estudante de Graduação de Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e no Instituto de Psicologia Fenomenológico-existencial do Rio de Janeiro).

*“De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”. (Foucault, 2003: 13).*

---

## UMA INTRODUÇÃO FABULOSA

Pretendo, neste e com este texto, caminhar por um território sedutor e deliciosamente desconfortável, procurando tecer uma trama rizomática, tendo como interlocutores, dentre outros, Heidegger (ontologia existencial), Guattari e Deleuze (cartografias do devir) e Foucault (genealogia do presente e hermenêutica do sujeito). Espero que minhas conversações “não desfigure[m] o filósofo, mas o faça[m] falar mais do que ele próprio disse” (SCHÖPKE, 2004, p. 13); e, como “para falar a respeito é inevitável desrespeitar” (GAIARSA, 1985, p. 23), espero conseguir peitá-los, para, junto com eles e a partir deles, pensar, refletir, experimentar, engendrar (novos!?) modos de compreender a subjetividade.

Partindo da “morte do sujeito”, da “crise do eu” e, principalmente, de minhas próprias crises e mortes, dúvidas e dívida (débito, diria Heidegger); proponho-me refletir as passagens da sociedade cujo enfoque era a disciplina (Foucault) com sua subjetivação característica para outra cujo enfoque é o controle (Deleuze e Guattari) com a produção de subjetividades que lhe é inerente/necessária; refletir as passagens de um eu (e um mundo) encapsulado, individualizado, sólido (eu) para um eu (e um mundo) descentrado, líquido eu(?).

O que produzirei ou encontrarei nas próximas linhas (escritas, de fuga, de captura) Filosofia, Ciência ou Fábula? Ah! O que importa!? Por acaso um desses saberes possui/produz mais verdades ou uma verdade mais verdadeira do que os outros ou seria cada um deles apenas uma diferente compreensão/expressão da existência e um diferente modo de subjetivar?

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um Sabiá

Mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força

Existem

Nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

(BARROS, 2002, p. 53).

## UM DESENVOLVIMENTO FORJADO

“Todo homem é mais parecido com sua época que com seu pai”.  
Provérbio Árabe

(Eu) o sujeito no tempo da toupeira.

Nas transições da época medieval para os tempos modernos, foi gestado o indivíduo foram produzidas as condições de possibilidade para o nascimento do sujeito moderno, o sujeito como o concebemos. Em cada tempo-espaço (em cada época e sociedade) são engendrados os sujeitos que lhe são compatíveis, necessários, possíveis. E na Modernidade que não é apenas um período histórico, mas um modo de perceber, conhecer e estar no mundo nasce o sujeito estável, universal, totalizado, essencializado, interiorizado, individualizado, sólido.

A Psicologia, filha-mãe da Modernidade em cada tempo-espaço (cada época e sociedade) são engendradas as maneiras de ver e dizer (as evidências e os discursos) que lhe são compatíveis, necessários, possíveis; cada época possui seus campos de visibilidade e dizibilidade, sustentar-se-á sobre (e promulgará) o indivíduo e o “mito da interioridade” (DOMÈNECH, TIRADO E GÓMEZ, 2001, p. 113).

Tendo como alicerce, como um a priori inquestionável, a noção de indivíduo, o saber psi com sua

psico-lógica (lógica cartesiano-mercantilista) apresentará como natural tal conceito e, conseqüentemente, também como natural as dicotomias mente-corpo, sociedade-indivíduo (ou indivíduo mente-corpo), homem-natureza. Assim, tornamo-nos sujeitos de/ao conhecimento. O sujeito (moderno) é, assim, produtor e produto dos saberes. O impessoal de Heidegger o fazer o que todo mundo faz, o que é 'ditado', o estar no rebanho, na manada, que não tolera vacas profanas irá se mover nesse território (produzido/de produção).

Nesse momento, quero fluir pelas desnaturalizações e afirmar que o que é visto como natural é, na verdade (!?), como nos diria Foucault, uma construção histórica, ou, como nos diria Heidegger, um desvelamento possível dentre tantos outros possíveis.

Engendrando (e engendrada por) essa noção de sujeito, emerge o que Foucault denominou “sociedade disciplinar”, na qual “passa-se dos suplícios, como castigos e violências corporais, para o disciplinamento que cria corpos dóceis” (VEIGA-NETO, 2003, p. 77). As disciplinas “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2004, p. 118) já existiam e continuam a existir; no entanto, constituem-se “fórmulas gerais de dominação” (Ibid), “nos séculos XVIII e XIX; [e] atingem seu apogeu no início do século XX” (DELEUZE, 1992, p. 219).

Poder disciplinar é o nome dado por Foucault a um tipo específico de poder que se configura por (ou através de) dispositivos de confinamento (concentração e distribuição no espaço, e ordenação no tempo), vigilância, sanção normalizadora e exame (qualificação, classificação e punição), produzindo uma inversão do “eixo político da individualização” (FOUCAULT, 2004, p. 160). Ao contrário do que se percebe numa sociedade de soberania (sociedade feudal, por exemplo), onde quanto maior o “poder” maior a caracterização como indivíduo daquele que o exerce; numa sociedade disciplinar, os mecanismos individualizantes dirigem-se aos que estão submetidos ao “poder”.

O “poder” é descrito por Foucault, e aqui apresentado, não como um objeto natural, unitário que emana de um centro, que possui um lócus específico ou privilegiado, como o Estado, por exemplo; mas como prática social, historicamente construída, difusa por todo o campo social, imanente ao tecido social. O poder é entendido como tendo um caráter relacional, como relações de poder, que não coincidem com o Estado, mas a ele se articulam e sustentam, e que incidem na “realidade mais concreta dos indivíduos o seu corpo” (Ibid, XII), controlando-o minuciosamente: gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos, desejos.

Além disso, o poder não possui apenas um lado negativo, repressivo, destrutivo; mas, também e fundamentalmente, um aspecto positivo, produtivo. Não apenas reprime, censura ou proíbe; mas detém uma positividade. O poder produz: “ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais de verdade” (FOUCAULT, 2004, p. 161). “E é justamente esse aspecto [positivo] que explica o fato de que tem como alvo o corpo humano, não [mais] para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo” (MACHADO, 1992, p. XVI), para produzir “corpos dóceis” (FOUCAULT, 2004, p. 117).

É nessa positividade que se produz o sujeito (moderno) e os saberes que o têm como objeto; pois, funcionando, exercendo-se, “ao nível do corpo e dos saberes” (VEIGA-NETO, 2003, p. 79), os mecanismos ou tecnologias disciplinares produzem “formas particulares [...] de estar no mundo [...], de cada um conhecer o mundo e nele se situar” (Ibid), ou seja, engendram (novas) subjetividades.

O poder relaciona-se, imbrica-se com o saber; ou melhor, poder e saber se engendram mutuamente.

O saber não “considerado como idéia, pensamento, fenômeno da consciência”; mas, ao contrário, “compreendido como materialidade, como prática, como acontecimento” (MACHADO, 1992, p. XXI) engendra e é engendrado por práticas políticas, por relações de poder. Ou seja, “não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo poder constitui novas relações de poder” (Ibid).

Penetramos, assim, a concretude do poder: “o internamento psiquiátrico, a normalização mental dos indivíduos, as instituições penais” (Ibid, p. 6) lutas cotidianas no hospital, na prisão, na escola (não exclua, ao ler/refletir, a universidade).

Há, vale ressaltar uma vez mais, um “entrelaçamento dos efeitos de poder e de saber” (FOUCAULT, 1979, p. 2). E do engendramento mútuo, da relação saber-poder emerge o sujeito. O saber-poder produz as subjetividades que lhe são inerentes/necessárias.

Assim, emerge em um determinado momento histórico com uma certa configuração poder-saber, o capitalismo pesado (BAUMAN, 2001, p. 65), a modernidade, o tecido social moderno, a sociedade disciplinar, o 'indivíduo', o sujeito sólido.

Eu(?) o sujeito no tempo da serpente.

Entretanto, dentro do horizonte histórico (para utilizar a feliz expressão de Heidegger) que se nos apresenta, o sujeito individualizado está morto ou, pelo menos, agonizando; ou seja, a 'morte do sujeito' é também um “evento histórico real: o indivíduo ao qual essa imagem correspondia surgiu apenas recentemente, em uma zona

limitada de espaço-tempo, tendo sido, agora, varrido pela mudança cultural”. (ROSE, 2000, p.139).

Apresenta-se, nesse momento histórico, o sujeito flexível, o sujeito com data de validade, o sujeito up grade. Mas não corramos o risco de, também, naturalizá-lo ou categorizá-lo; pois este é apenas mais um desvelamento possível dentre tantos outros possíveis.

Surgem novos sujeitos, “proliferam novas imagens de subjetividade: como socialmente construída; como dialógica; como inscrita na superfície do corpo; como espacializada, descentrada, múltipla, nômade, [líquida]; como resultado de práticas episódicas de auto-exposição, em locais e épocas particulares”. (Ibid, p. 139-140, colchete inspirado em BAUMAN, 2001). Ao invés de um indivíduo detentor de uma natureza humana, “uma subjetividade de natureza industrial, maquina, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida”. (GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 25).

O (novo) sujeito é uma dobra do “fora” no “dentro”. “Pensar os processos de subjetivação como dobra implica [...] despojar o Sujeito de toda identidade (essencialista) e de toda interioridade (absoluta) e, ao mesmo tempo, reconhecer a possibilidade de transformação e de criação que eles deixam aberta” (DOMÈNECH, TIRADO e GÓMEZ, 2001, p.129).

O sujeito-cápsula é substituído pelo sujeito-fluxo. Fluxo, “composto plural de crenças e desejos (forças)” (THEMUDO, 2002, p. 10), que, ao interceptar, atravessar, passar através do sujeito “pode caracterizar um fenômeno de subjetivação” (Ibid).

Subjetivação produção de subjetividades como fabricação do modo de perceber o mundo, as relações sociais; enfim, modulação da maneira de pensar, sentir, agir.

Produção de subjetividade não apenas como “produção de poder para controlar as relações sociais e as relações de produção” (GUATTARI e ROLNIK, 2000, p. 27-28), mas como “matéria-prima de toda e qualquer produção” (Ibid, p. 28).

A subjetivação é o processo de produção de subjetividade; e a subjetividade, por sua vez, é um ponto (uma ponta, uma pausa temporária) do processo.

Transversalizando, transdisciplinando, indisciplinando, desalienando saberes (a sociologia e a psicologia, por exemplo), pode-se perceber a produção (do) social como produção de subjetividades e, ao mesmo tempo, indissolavelmente, uma produção de subjetividades como uma produção social.

A subjetividade “é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares” (GUATTARI e ROLNIK, 2000, p.33). Essa subjetividade pode ser recebida sem reflexões, situação na qual o sujeito “se perde no impessoal” (HEIDEGGER, 1996) ou pode ser

(re)configurada de forma singular, em um “processo de singularização” (GUATTARI, 2000) e o sujeito flui para seu “poder-ser mais próprio” (HEIDEGGER, 1996).

Engendrando (e engendrada por) esse novo sujeito, emerge o que Deleuze denominou “sociedade de controle”, na qual passa-se dos corpos dóceis para corpos pós-orgânicos. O controle “uma modulação, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante” (Deleuze, 1992, p. 221) não impõe mais a docilidade-utilidade, porém a participação e o fluxo.

Foucault já havia nos apresentado uma outra forma de exercício do poder, o biopoder uma nova “tecnologia de poder [...] que não exclui a técnica disciplinar, mas a embute, que a integra, que a modifica parcialmente [...] incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia” (FOUCAULT, 1999, p.288-289).

Diferente do poder disciplinar poder “individualizante” que incide sobre o corpo individual, “homem-corpo”, o biopoder poder “massificante” incide sobre “a vida dos homens”, sobre o “homem-espécie” (Ibid, p. 289).

Pode-se dizer que enquanto a disciplina era/é exercida sobre o corpo do indivíduo, o controle atua sobre a população, sobre o corpo social. Ou seja, Enquanto a disciplina realiza uma anátomo-política do corpo, o biopoder efetua uma biopolítica da espécie (FOUCAULT, 1999, p. 289).

Se na sociedade disciplinar onde “não se parava de recomeçar” (DELEUZE, 1992, p. 221) o poder era descontínuo, por funcionar em sistemas fechados (dispositivos de confinamento); na sociedade de controle onde “nunca se termina nada” (Ibid) o poder é contínuo, visto se expandir por espaços abertos; ultrapassando, demolindo (ou seria ignorando?) muros e fronteiras, que antes confinavam. “No interior da sociedade de controles contínuos, os lugares são redefinidos por fluxos” (PASSETTI, 2002, p. 134). Na sociedade de controle, o “poder” “invade o amplo espaço entre eu e mim mesmo” (CARDOSO JR, 2002, p.195).

Na sociedade de controle, na pós-(ou hiper-)modernidade, na modernidade líquida (BAUMAN), com as (novas) necessidades do capitalismo leve (BAUMAN, 2001, p. 64), o devir é (ou tende a ser) capturado e transformado em devo ir.

## PARECER INCONCLUSO

Desenvolvimento, progresso palavras perigosas , transformações, mudanças...

Mudanças no exercício do “poder” engendram mudanças na (forma como percebemos e experienciamos a) subjetividade, produzem (novas) subjetividades. As transições do (eu) para

o eu(?) podem potencializar, empoderar; mas também podem estar e muitas vezes estão a serviço do controle.

Paradoxalmente, o poder cria intensidades e homogeneidade, “intensifica misturas e pulveriza as identidades” (ROLNIK, 1996) e, ao mesmo tempo cria uma “homogeneização das figuras da subjetividade” (Ibid). O “capital” produz diferenças para homogeneizar.

A característica fundamental do capitalismo ou, para ser menos “metafísico”, das sociedades capitalistas ou capitalísticas, conforme conceituação de GUATTARI (2000, p. 15, nota de rodapé), é sua capacidade de metamorfosear-se, transmutar-se, e apropriar-se de movimentos de resistências, tal qual aconteceu com o movimento hippie, com o rap, o funk, o axé (que se transformou no pasteurizado axé music), o folclore (que esvaziado do seu aspecto “político”, transformou-se em folclorismo), a religião (que desligada do sentido de re-ligação, converte-se em religiosismo fluxo de “alienação”, dominação, controle).

Não basta ser (existir no modo de ser) eu-fluxo, posto que fluxos podem ser resistência ou podem estar enfeixados (e enfaixados) pelo controle. Às vezes, é preciso criar um refluxo, subverter os poderes e, principalmente, a si mesmo. Ensejar novas sensibilidades, experimentar transformações (est)ético-políticas (de si). Criar condições de possibilidades de mutações mutações ecológicas nas relações consigo, com os outros, com o saber-poder. Cuidar que nossas metamorfoses não nos transformem em insetos repugnantes.

Vivemos uma maior dificuldade em perceber o que é poder e o que é resistência, ou seja, de saber onde/quando resistir. (In)surge uma primeira questão: como (re)definir, na hipermodernidade, resistência?

O que fazer para produzir(-se) resistência, para desformar(-se), escapar ao poder (à subjetivação hegemônica)? O que fazer para escapar ao impessoal? Talvez, transpor (ou devolver!?) para o plano (do) coletivo problematizações que são, a cada instante e cada vez mais, individualizadas e individualizantes. Cada vez mais, são apontadas (evidenciadas) soluções individuais para problemas sociais. Assim, resistir seja, talvez, pensar (rel)ações solidárias, ao invés de solitárias.

Ademais, torna-se necessário considerar que a “dicotomia indivíduo/sociedade não é mais suficiente para dar conta do entendimento da atual situação econômica e política do planeta embora a apologia à individualidade liberal, independente e autônoma, exerça um papel importantíssimo nesta configuração (...), pois o social não é uma simples extensão da natureza individual, mas seu meio de produção e também seu produto” (GIACOMEL, GHISLENI, AMAZARRAY e ENGELMAN, 2003, p. 142).

Sem medo de parecer inconcluso, ousou finalizar

com uma questão: Que sociedade queremos? Que sujeitos queremos (nos) produzir? Ou o que queremos fazer (do que fizeram) de nós? Questionando nossas próprias questões: como atuamos, como nos “comportamos”, como nos constituímos, que fluxo seguimos/produzimos em nosso próprio cotidiano? Pois é no cotidiano que pensamos, sentimos e agimos, que emergimos e submergimos, construímos a história constituímos-nos enquanto sujeitos (agentes e assujeitados) da história. É no cotidiano que podemos perceber, a cada instante, possibilidades de transformação.

Essas reflexões primeiras, no entanto (ou portanto), servirão “apenas” como ponto de partida para outra reflexão, à qual fui conduzido, deslocado ou, talvez, na qual “sempre” estive: ousar pensar um conceito de amizade como resistência (Foucault) à subjetivação capitalística (Deleuze/Guattari), fundamentando-me no conceito de cuidado, mais especificamente, no conceito de preocupação-anteposição (Heidegger).

Ao (pretender) intensificar as cores políticas da ontologia de Heidegger e (re)colorir ontologicamente a política de Foucault, esse texto é um convite a experimentar novas formas de convivência.

As lições de R. Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por

Aí a desformar.

(Barros, 2002, p. 75).

## Referências Bibliográficas:

BARROS, Manoel de. LIVRO SOBRE NADA. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BAUMAN, ZYGMUNT. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

CARDOSO JR, Hélio Rebello. Foucault e Deleuze em co-participação no plano conceitual em RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.185-197.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DOMÈNECH, Miguel, TIRADO, Francisco e GÓMEZ, Lucía. A dobra: psicologia e subjetivação em SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Nunca Fomos Humanos nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.111-136.

DUARTE, André de Macedo. Foucault à luz de Heidegger notas sobre o sujeito autônomo e o sujeito constituído em RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.49-62.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. 28ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade 2 O uso dos prazeres. 10ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAIARSA, José Ângelo. Sexo, Reich e eu. São Paulo: Agora, 1985.

GIACOMEL, Angélica Elisa, GHISLENI, Ângela Pena, AMAZARRAY, Mayte Raya e ENGELMAN, Selda. Trabalho e Contemporaneidade: o trabalho tornado vida em FONSECA, Tânia Mara Galli e KIRST, Patrícia Gomes (orgs). Cartografias e Devires A construção do Presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.137-148.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Micropolítica Cartografias do Desejo. 6ª Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2000.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. 2vols. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MACHADO, Roberto. Introdução Por uma genealogia do poder em FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 10ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

PASSETTI, Edson. Anarquismos e Sociedade de Controle em RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.123-138.

ROLNIK, Suely. A multiplicação da subjetividade em especial para a Folha, domingo, 19 de maio de 1996.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus em SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Nunca Fomos Humanos nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.137-204.

SCHÖPKE, Regina. Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

SIBILIA, Paula. O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

THEMUDO, Tiago Seixas. Gabriel Tarde Sociologia e subjetividade. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.